

APREENSÕES, COMPREENSÕES E REVERBERAÇÕES DO PENSAMENTO FOUCAULTIANO NA INSTITUIÇÃO ESCOLAR BRASILEIRA

APREHEENSIONS, COMPREHEENSIONS AND REVERBERATIONS OF FOUCAULTIAN THOUGHT IN BRAZILIAN SCHOOL INSTITUTION

Dorgival Gonçalves Fernandes¹

Resumo: Este artigo tem por objetivo tecer considerações sobre o processo de apreensão, compreensão e reverberações do pensamento do filósofo Michel Foucault na educação escolar brasileira. O estudo se constitui a partir de pesquisa bibliográfica e se fundamenta, principalmente, em estudiosos da filosofia da educação, a exemplo de Moacir Gadotti, Cipriano Carlos Luckesi, Paulo Ghiraldelli Junior, Silvio Gallo, Pedro Pagni e Julio Groppa Aquino. Na nossa compreensão, o pensamento foucaultiano reverbera na educação escolar de modo bastante centrado no livro *Vigiar e Punir*. As reverberações de tal pensamento são empreendidas a partir de quatro direções: negação, refutação, diagnóstica e proposição. No caso das duas primeiras direções, o pensamento de Foucault parece ser ignorado e refutado, posto o filósofo ser identificado como crítico e contrário à disciplina escolar. As direções denominadas como diagnóstica e propositiva se assentam na universidade, principalmente nas pesquisas sobre a escola e a educação nos cursos de pós-graduação *stricto sensu*, tomando por referências os volumes da História da sexualidade e os cursos ministrados pelo filósofo no Collège de France.

Palavras-chave: Escola. Disciplinas. Estéticas da existência. Pensamento foucaultiano.

Abstract: This article aims to make considerations about the process of apprehension, understanding and reverberations of the philosopher Michel Foucault's thought in Brazilian school education. The study is based on bibliographic research and is based mainly on scholars of the philosophy of education, such as Moacir Gadotti, Cipriano Carlos Luckesi, Paulo Ghiraldelli Junior, Silvio Gallo, Pedro Pagni and Julio Groppa Aquino. In our understanding, Foucault's thinking reverberates in school education in a very focused way in the book *Vigiar e Punir*. The reverberations of such thinking are undertaken from four directions: denial, refutation, diagnosis and proposition. In the case of the first two directions, Foucault's thought seems to be ignored and refuted, since the philosopher is identified as critical and contrary to school discipline. The directions called diagnostic and purposeful are based on the university, mainly in research on school and education in *stricto sensu* graduate courses which, taking as reference the volumes of the History of sexuality and the courses taught by the philosopher at the Collège de France.

Keywords: School. Disciplines, Aesthetics of existence, Foucauldian thinking.

¹ Doutor em Educação. Universidade Federal de Campina Grande. dorgefernandes@yahoo.com.br ID Lattes: 7158784499086756. Orcid iD: <https://orcid.org/0000-0002-1291-0082>.

Neste texto o objetivo é tecer algumas reflexões sobre os modos de compreensão, apreensão e de reverberação do pensamento de Michel Foucault no âmbito da educação escolar brasileira no tempo presente.

A prescrição de condutas e o esforço didático-pedagógico para conduzir as condutas previamente definidas dos discentes, a partir de perspectivas políticas previamente estabelecidas, tem sido um objetivo conservado pela instituição escolar brasileira desde a sua gênese. Desse modo, ao longo do tempo, a educação tem sido erigida a partir de perspectivas filosóficas e pedagógicas, que de modos diferentes, buscam alicerçar a formação dos sujeitos escolares em bases que conservam, ainda que de maneiras diversas e movidas por objetivos diferenciados, a sua disciplinarização, visando à formação de sujeitos pré-definidos.

Assim, a educação tem trabalhado para atender a certo modelo de normatividade, seja de caráter religioso ou laico, liberal ou neoliberal, a serviço da ordem sociopolítica vigente nos diversos períodos históricos constituídos ou em constituição. Neste caso, entre os séculos XVI e XVIII, com a ação educativa dos jesuítas, ancorada no seu *Ratio Studiorum*, buscou-se a formação do homem de fé, fiel aos preceitos católicos e ocupados com a salvação da sua alma para o gozo eterno no pós-morte (GHIRALDELLI JUNIOR, 1996). Nas palavras de Gadotti (1993, p.230): “Quase até o final do século XIX, nosso pensamento pedagógico reproduzia o pensamento religioso medieval”.

A partir do século XIX, vemos surgir os sistemas públicos de educação pautados nos princípios da escola moderna, que se configurará, de modo mais objetivo, apenas a partir de 1930, como o demonstram o Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova, de 1932, e a Constituição brasileira de 1934 (GHIRALDELLI JUNIOR, 2006). Assim, desde então a escola brasileira tem funcionado tomando por base, de modo preponderante, os ideais do liberalismo, mas convivendo com diferentes matizes pedagógicas, tais como: pedagogia tradicional, de orientação cristã; pedagogia tradicional laica, de orientação herbartiana (HERBART, 2010); pedagogia nova (DEWEY, 1979; MONTESSORI, 1965; TEIXEIRA, 1994); pedagogia tecnicista de orientação behaviorista, e as pedagogias denominadas progressistas: não-diretivas (ROGERS, 1985); do oprimido (FREIRE, 1984); histórico-crítica (SAVIANI, 2013), entre outras, que lhe configuram como uma espécie de caleidoscópio ou mosaico pedagógico.

Sobre essa configuração da escola, é possível salientar o fato de que dois elementos de caráter político-educativo têm ancorado o pensamento e o funcionamento escolar, assegurando-lhe certo conservadorismo no seu *modus operandi*: 1) a finalidade do ato educativo; 2) o processo de ensinar e aprender. Quanto ao primeiro elemento, tomamos aqui por referência as

análises empreendidas por Carlos Cipriano Luckesi (1991) e Dermeval Saviani (2014) acerca das teorias da educação que tem orientado os fins e as práticas docentes. Quanto ao segundo elemento, assinalamos as considerações realizadas por Silvio Gallo (2013).

Para Luckesi (1991, p. 37), remetendo-se à relação entre educação e sociedade, as teorias da educação se agrupam em três tendências filosófico-políticas que organizam o sentido da prática educativa escolar:

Esses três grupos de entendimento do sentido da educação na sociedade podem ser expressos, respectivamente, pelos conceitos seguintes: educação como redenção; educação como reprodução; e educação como um meio de transformação da sociedade. Essas são as três tendências filosófico-políticas para compreender a Educação que se constituíram ao longo da prática educacional. Filosóficas, porque compreendem o seu sentido; e políticas, porque constituem um direcionamento para sua ação.

Na mesma perspectiva se situa Saviani (2014), caracterizando as teorias da educação em três agrupamentos: teorias não-críticas, teorias crítica-reprodutivistas e teorias críticas, e alega que as teorias críticas que assumem um sentido transformador têm sido enredadas para funcionarem fora da escola, como é o caso da educação popular. Ao criticar tal modalidade de educação, o autor atribui à escola função fundamental na transformação do homem e da sociedade, propondo, então, a Pedagogia crítica-histórica, na qual opera com o seguinte conceito de educação: “o ato de produzir, direta e intencionalmente, em cada indivíduo singular, a humanidade que é produzida histórica e coletivamente pelo conjunto dos homens” (SAVIANI, 2014, p. 25).

A teleologia expressa nas teorias da educação citadas pelos dois autores informa sobre o sentido conservador da escola quanto à estipulação prévia de determinados tipos de sujeito a ser formado, subtraindo do sujeito escolar, de modo objetivo, práticas de liberdade no que se refere a sua constituição. Sílvio Gallo (2013), lidando com uma perspectiva diferente, mas que afirma o sentido conservador da escola, assinala que a educação escolar tem pautado o processo de ensino e aprendizagem na matriz platônica, entendendo-o como reconhecimento. Assim, segundo Gallo (2013, p. 82):

Ao longo da história, muitas concepções de educação foram surgindo e se consolidando, mas, em alguma medida, essa concepção platônica do aprender como reconhecimento é a matriz do pensamento educacional e pedagógico. Pouco nos distanciamos dele, por mais que as noções com as quais lidamos pareçam muito diferentes desta visão de Platão. Em termos contemporâneos, a Psicologia Educacional entranhou nos processos educativos a noção de ensino-aprendizagem, que procura ligar, de forma indissolúvel, estas duas ações, o ensinar e o aprender. As teorias pedagógicas do século vinte, de forma geral, centraram-se neste vínculo: só se aprende aquilo que é ensinado; não se pode aprender sem que alguém ensine. O outro lado desta afirmação,

fundamental para a Pedagogia, é que se só se aprende aquilo que é ensinado, pode-se controlar o que, como, quanto alguém aprende.

As considerações acima demonstram o caráter conservador da nossa escola, tanto no que diz respeito ao seu modo de organização, como aos objetivos que essa instituição tem operado nas suas práticas, visando à formação dos sujeitos escolares. Assim, posto que a escola possa ser percebida como uma instituição que teria uma “essência” imutável, podemos considerar a ausência de práticas de liberdade nos sujeitos escolares, constituindo-o na condição de sujeito assujeitado sem autonomia sobre o seu processo formativo.

Michel Foucault, no texto de entrevista datada de 1970, no Japão, denominado Loucura, Literatura, Sociedade, disse não se considerar filósofo, pois que a filosofia tendo deixado de ser uma atividade autônoma e tornando-se matéria de ensino, não lhe dava possibilidade de se ocupar com “escolhas originais”, e afirma:

Desde Hegel, a filosofia é ensinada por universitários cuja função consiste menos em praticar a filosofia do que ensiná-la. O que outrora se referia ao mais elevado pensamento no Ocidente decaiu, hoje, para o nível da atividade considerada como a que tem menos valor no domínio da educação: esse fato prova que a filosofia perdeu seu papel, sua função e sua autonomia. Então, para responder sumariamente à pergunta: “o que é a filosofia?”, eu diria que se trata do lugar de uma escolha original, que se encontra na base de toda uma cultura. (FOUCAULT, 2011, p. 233-234).

A assertiva acima explicita o desejo de Foucault de se mover no campo do pensamento operando com autonomia, originalidade e um certo sentido de transgressão. Sobre isso, podemos pensar numa citação de Foucault posta no último parágrafo da introdução do livro *Arqueologia do Saber*. Nesta, o filósofo, como se estivesse diante de um espelho falando para si o que ele escuta falar sobre si e sobre o seu trabalho, diz:

Você não está seguro do que diz? Vai novamente mudar, deslocar-se em relação às questões que lhe são colocadas, dizer que as objeções não apontam realmente para o lugar em que você se pronuncia? Você se prepara para dizer, ainda uma vez, que você nunca foi aquilo que em você se critica? Você já arranja a saída que lhe permitirá, em seu próximo livro, ressurgir em outro lugar e zombar como o faz agora: não, não, eu não estou onde você me espreita, mas aqui de onde o observo rindo. [...] Vários, como eu sem dúvida, escrevem para não ter mais um rosto. Não me pergunte quem sou e não me diga para permanecer o mesmo: é uma moral de estado civil; ela rege nossos papéis. Que ela nos deixe livres quando se trata de escrever. (FOUCAULT, 2008, p.20)

Neste sentido, considerando a perspectiva e os caminhos teóricos e políticos adotados por Foucault, assumidos em suas obras, perguntamos: como um pensamento que se constitui como original, autônomo e transgressor, logo, inquietante, que se faz questionador do

conservadorismo, provocador dos padrões políticos, morais e estéticos estabelecidos, pode ser compreendido, apreendido e reverberar no campo da educação escolar, campo este tão oposto às premissas do pensamento foucaultiano?

Enquanto Foucault opera por deslocamento, opera por mudança, opera por transformação, ele não quer ser o mesmo, a escola trabalha, de certo modo, para ser a mesma. Quando a gente compara esses dois pensamentos, como é que a gente pode pensar sobre o pensamento de Foucault e sobre o pensamento produzido na escola? Ou seja, como é que o pensamento de Foucault reverbera e afeta o pensamento da educação, de um modo geral, e mais especificamente, o pensamento da escola, o pensamento sobre a escola?

Como já bastante evidenciado, o filósofo não se ocupou de modo específico com o tema/objeto educação, mas mesmo assim por diversas ocasiões tratou deste tema. Nas palavras de Castro (2009, p. 134):

Ainda que as ideias e as análises de Foucault tenham interessado justamente àqueles que se ocupam da educação, nenhum texto está consagrado a essa questão. O tema da educação, que é sem dúvida importante na obra de Foucault, aparece sempre em relação com outros, a partir de outros.

Pensando sobre a importância da educação no pensamento de Foucault, conforme asseverado por Castro, nos é possível pensar sobre a relação Foucault-educação ou Foucault-escola. Neste sentido, lembro-me de uma de um texto muito interessante da filósofa Bárbara Botter (2012) chamado *A pedagogia antes da pedagogia*. Neste, a autora empreende análise sobre a pedagogia pensada pelos gregos antigos, ressaltando que a pedagogia era filosofia e a filosofia era pedagogia, ou seja, a pedagogia era filosófica e a filosofia era pedagógica, não havendo distinção entre pedagogia, filosofia e política.

A referência a este texto acontece em função da potência que nutre o pensamento foucaultiano, pois quando o filósofo pensa sobre o tema da educação, fazendo diagnósticos e apontando questões, não aparece com a mesma cara, com o mesmo rosto, com o mesmo jeito, nem colocando as mesmas questões, mas o faz operando deslocamentos, transformação, aliando filosofia, educação e política, se movendo do âmbito das disciplinas, da formação de corpos dóceis e submetidos, para o âmbito das técnicas de si, do cuidado de si, do governo de si, para pensar em possibilidade de formação que possibilite ao sujeito a sua autonomia. Então, como é que alguém que se dá certa condição de possibilidade de liberdade de pensamento, operando descontinuidades, pode ser pensado para se pensar algo que procura ser tão estável, tão mais do mesmo, como é o caso da educação escolar?

Ao nos situarmos nas obras de Foucault, quando se pensa na questão da educação, na questão da escola, o que aparece primeiro para o nosso pensamento? Parece-nos que a primeira referência é o livro “VIGIAR E PUNIR: história da violência nas prisões” (FOUCAULT, 1987), pois é neste que Foucault, primeiramente, pensa de modo mais detido e objetivo sobre a questão da instituição escolar moderna, demonstrando o funcionamento da escola como uma instituição disciplinar. No seu curso de 1974/1975 no Collège de France, denominado de Os Anormais, Foucault também se deterá a pensar sobre a educação, tanto no campo familiar como também no campo escolar e social, em seu sentido normalizador e corretivo, ao tratar sobre o indivíduo a ser corrigido: *o monstro, o indisciplinado e o onanista*. Diz Foucault (2010, p. 49):

O contexto de referência do indivíduo a ser corrigido é muito mais limitado: é a família mesma, no exercício de seu poder interno ou na gestão da sua economia; ou, no máximo, é a família em sua relação com as instituições que lhe são vizinhas ou que a apoiam. O indivíduo a ser corrigido vai aparecer nesse jogo, nesse conflito, nesse sistema de apoio que existe entre a família e, depois, a escola, a oficina, a rua, o bairro, a paróquia, a igreja, a polícia, etc. esse contexto, portanto, é que é o campo de aparecimento do indivíduo a ser corrigido.

Neste caso, a educação e a escola se fazem presentes nas reflexões de Foucault, como agências responsáveis por tornar normal, no tempo e no espaço, os diferentes. Todavia, esse curso, pronunciado entre janeiro e março de 1975, não teve a mesma repercussão que teve o livro *Vigiar e punir*, pois só foi publicado no Brasil em 2011.

Sobre a repercussão deste livro no pensamento educacional brasileiro, suponho pertinente citar um caso. Nesses dias me deparei com uma reportagem sobre Foucault numa revista que foi bastante consumida pelos professores da educação básica como artefato pedagógico, de modo particular, mas muito utilizada também como recurso didático nos cursos de formação de professores. Trata-se da Revista Nova Escola. No exemplar acessado dessa revista, datado do ano de 2008, há uma matéria sobre Foucault, intitulada “Michel Foucault, um crítico da instituição escolar” (FERRARI, 2008). A matéria parece dar pouco destaque ao conjunto da obra produzida por Foucault, centrando-se no livro *Vigiar e Punir*. Veja, o livro *Vigiar e punir* foi publicado em francês em 1975, e a publicação desse livro no Brasil, traduzido para o português, aconteceu em 1987, ou seja, 12 anos depois, e três anos após a morte do filósofo, mas em 2008 encontra-se uma revista de repercussão nacional, importante enquanto artefato para a formação e para o trabalho dos professores que ainda está quase totalmente centrada, fixada, no *Vigiar e punir*, ignorando a grande produção elaborada pelo pensador francês após a produção de *Vigiar e punir*, até 1984, ano da sua morte.

Na matéria referida dessa revista há alguns encartes com reflexões do professor Alfredo Veiga-Neto, e entre essas, considerando o objetivo deste artigo, destaco a seguinte: “foi Foucault quem pela primeira vez mostrou que antes de reproduzir, a escola moderna produziu e continua produzindo um determinado tipo de sociedade” (In. FERRARI, 2008, n.p). Neste caso, consideramos oportuno partir desse enunciado postulado por Veiga-Neto para pensarmos sobre as reverberações do pensamento foucaultiano nas problematizações da educação do presente. Entendemos que o pensar tais reverberação pode ser organizado em quatro direções: negação, refutação, diagnóstica e proposição.

A primeira direção é a que a gente poderia chamar de negação, ou seja, o pensamento foucaultiano reverbera no campo da educação, nos problemas da educação, na condição de não reverberação. Neste caso, o pensamento foucaultiano é tratado como algo que deve ser negado, evitado, ignorado. Quando a gente pensa na escola, de um modo geral, ou na universidade enquanto agência formadora de professores, essa parece ser a perspectiva assumida, isto é, há uma negação da sua existência, ignorando-se qualquer rastro de positividade, de contribuições deste pensamento para se pensar a escola, o fazer educativo, a educação. Neste sentido, a escola parece se ater, apenas, à leitura do livro Vigiar e punir, e assim sendo, se o Vigiar e punir é uma denúncia, um diagnóstico de modo negativo do que a escola é e do que ela faz, digamos assim, então o melhor a fazer é negar, ignorar, esquecer a existência do pensamento foucaultiano. Então, essa é a primeira direção em que eu vejo o pensamento foucaultiano reverberando na educação escolar, no modo como a escola se pensa e no modo como a escola é pensada. Trata-se de uma percepção negativada.

Por exemplo, na condição de estudante no meu processo de formação docente e de pesquisador na universidade, Michel Foucault foi uma ausência quase total. Como aluno do curso de licenciatura em Pedagogia, na Universidade Federal da Paraíba, de outubro de 1984, quando ingressei nesse curso, até a sua conclusão, em 1988, em nenhuma vez ouvi nenhum dos professores fazer qualquer referência a Foucault. Entre 1992 e 1997 cursei o Mestrado em Educação, na mesma universidade, e até a sua conclusão, apenas um professor, chegado da França onde fizera seu doutorado, fez referência, de modo bastante vago, à existência de um pensador chamado Foucault. Assim, até o doutorado, e por iniciativa particular, as minhas referências sobre esse filósofo eram esparsas, a partir de comentários vistos em algum livro ou artigo.

Estudar Foucault, de modo sistemático, eu só vim a fazê-lo quando no Curso de Doutorado em Educação, entre 1999 e 2003, na UFSCar, cursei uma disciplina, não obrigatória, chamada

Educação e relações de saber-poder, na qual se estudava o pensamento de Michel Foucault e de Gilles Deleuze. E na minha defesa de tese, um dos membros da banca, considerando o tema da minha pesquisa - juventude e escola - me cobrou uma presença mais efetiva do pensamento de Foucault, principalmente no que se referia às noções de disciplina e de discurso. Foi a partir de então que eu comecei a me interessar de modo mais orgânico e assertivo pelo pensamento de Foucault, principalmente a partir da leitura do livro organizado por Tomás Tadeu da Silva (1994), intitulado O SUJEITO DA EDUCAÇÃO: estudos foucaultianos.

Todavia, até ingressar no Grupo de Estudos Foucaultianos – GEF, da Universidade Estadual do Ceará, como pedagogo, o meu entendimento ainda estava muito limitado à perspectiva de Foucault posta no livro Vigiar e punir. A partir de então, passei a incorporá-lo nos meus trabalhos de pesquisa e de docência, mobilizando as noções de cuidado de si, governo de si e estética da existência, mas no âmbito do curso de Pedagogia no qual sou professor, esse trabalho é realizado um tanto solitariamente.

A segunda direção refere-se à refutação. Neste caso não há negação nem ignorância quanto ao pensamento foucaultiano, pois para ser refutado é preciso ser considerado, visualizado, analisado, conhecido, todavia, nesse sentido, o pensamento de Foucault também é reduzido ao livro Vigiar e punir, ou seja, Foucault torna-se reconhecido como o teórico negativo da disciplina, como crítico da escola, da sua matriz disciplinar, da divisão do conteúdo escolar em disciplinas, do sistema de exames escolares. Efetivamente, a refutação acontece em função do seu conteúdo, da sua mensagem, assim, é preciso ser conhecido para ser refutado, condenado. Então, o pensamento foucaultiano passa a ser tomado como algo nefasto, nocivo à escola, e enquanto tal precisa ser desqualificado, menosprezado.

Sendo assim, quando se pensa a escola, quando a escola se pensa, quando a escola pensa se quer se afetar de alguma maneira pelo pensamento foucaultiano, este pensamento é identificado como anarquista, no sentido negativo do termo, porque a escola não consegue se pensar fora do esquema das disciplinas, a escola não consegue se pensar fora do sistema disciplinar, então o pensamento de Foucault não é apenas algo que não serve, mas é algo que precisa ser aniquilado por se configurar como uma ameaça ao modelo instituído de escola. Conforme as descrições acima, podemos compreender que as duas direções assinaladas assumem um sentido de negatividade em relação ao pensamento foucaultiano, e do mesmo modo, é possível compreender que essas duas direções são majoritárias quanta às reverberações em questão.

A terceira direção diz respeito à ação diagnóstica, e se refere à universidade, em especial, à pós-graduação. No caso, não se trata da tomada do pensamento foucaultiano para se pensar a universidade, mas ao modo como este pensamento tem sido mobilizado na universidade para pensar, de fora, a escola. Quando a gente pensa a questão da pós-graduação, é possível atestar um distanciamento muito forte entre a pós-graduação e a escola. De um modo geral, a gente já tem esse distanciamento entre a graduação e a escola, mas como é a universidade que forma os professores que vão trabalhar na escola, e é a escola quem forma os alunos para irem para a universidade, tem-se assim uma relação de menos distância. Mas é no âmbito da pós-graduação, no ambiente onde aparecem as duas outras direções do pensamento foucaultiano e essas duas direções são de afirmação e positividade.

Esta terceira direção pode ser caracterizada como sendo uma afirmação-denúncia, porque é uma direção que trabalha no campo do diagnóstico, e dentro dessa perspectiva diagnóstica tem havido muito trabalho, pois o pensamento foucaultiano tem sido muito potente neste sentido. Assim, o trabalho de Foucault, incluindo-se a *História da Loucura, As palavras e as coisas, a Arqueologia do saber, Vigiar e punir*, os três volumes da *História da sexualidade*, bem como os cursos ministrados por Foucault no Collège de France, em sua maioria ou totalidade já publicados em livros, tem sido mobilizados para, de diversos modos, orientar a realização de pesquisas que buscam compreender a escola, os processos de ensino e de aprendizagem e os sujeitos escolares.

Desse modo, o pensamento de Foucault tem sido muito potente para se pensar a questão da educação no campo das disciplinas, das subjetividades, da governamentalidade, da biopolítica, da estética da existência, da resistência, ou seja, o pensamento de Foucault reverbera de modo extremamente potente e produtivo. Neste sentido, se faz salutar apontar a intensa e importante produção, realizada sob inspiração do referencial foucaultiano, sobre os efeitos da racionalidade neoliberal na reconfiguração e/ou descaracterização da escola na sua versão moderna. Como exemplo, podemos citar o livro *A ESCOLA: uma questão pública* (GALLO; MENDONÇA, 2020), e o Dossiê “É preciso defender a escola”, organizado por Carvalho e Aquino (2017). Ainda neste sentido e sob tal referencial, podemos apontar estudos que analisam os efeitos das pedagogias contemporâneas, denominadas como libertadoras, libertárias, emancipadoras, autonomistas, conforme Aquino (2020).

A quarta direção, que podemos denominar de propositiva. Nesta, podemos vislumbrar duas vertentes nessa proposição. A primeira se refere às proposições acerca da formação dos sujeitos escolares, tomando-se a escola como campo formativo de sujeitos que engendram condição de

possibilidade para se constituírem a partir de estéticas da existência diversificadas. Neste caso, as operacionalidades calcadas nas noções de cuidado de si e governo de si, como também nas teorias queer, têm sido bastante producentes. Os produtos elaborados por estudantes e professores dos cursos de mestrados profissionais, principalmente em filosofia, tem dados boas amostras do que é possível realizar adotando-se o referencial foucaultiano.

A outra vertente propositiva, que ainda está muito no começo, se realiza a partir das seguintes questões: O que fazer com esse neoliberalismo que está aí? Como reagir enquanto estudantes, educadores, professores, formadores de professores às práticas neoliberais impostas, centradas na performatividade como condição existencial, que reduz o sujeito a um eu competitivo, empreendedor de si e endividado?

A guisa de conclusão deste texto é possível afirmamos que os encaminhamentos propositivos para podermos enfrentar as mazelas do neoliberalismo parecem não estar, ainda, devidamente formulados, mas, neste sentido, entendemos ser pertinente compartilhar das considerações de Pedro Pagni (2020, p. 65), ao nos sugerir que deixemos de

[...] falar do agir e do julgar reflexivo para exercitá-los cotidianamente em nossas vidas tão capturadas pelos dispositivos de biopoder do neoliberalismo. Quem sabe, assim, façamos de um cotidiano de exceção um cotidiano de ação reflexiva e de julgamento crítico, contrapondo-nos aos estados de dominação e aos microfascismos que nele se instauram? Começando por nos livrar do modo como eles se impregnam sobre nós e nos capturam, o que só parece possível na relação com o que nos é estranho e capaz de agenciar em nós uma profunda transformação.

Referências Bibliográficas

AQUINO, Julio Groppa. O mau encontro entre escola e humanismo. In: GALLO, Silvio; MENDONÇA, Samuel (Orgs.). *A escola: uma questão pública*. São Paulo: Parábola, 2020, p. 193-209.

BOTTER, Barbara. A pedagogia antes da pedagogia. In: OLIVEIRA, Paulo Eduardo de (Org.). *FILOSOFIA E EDUCAÇÃO: aproximações e convergências*. Curitiba: Círculo de Estudos Bandeirantes, 2012.

CARVALHO, Alexandre Filordi de; AQUINO, Julio Groppa. Dossiê É PRECISO DEFENDER A ESCOLA. *Educação Temática Digital*. Campinas, SP, v. 19, n. 4, out./dez. 2017.

CASTRO, Edgardo. *VOCABULÁRIO DE FOUCAULT: um percurso pelos seus temas, conceitos e autores*. Tradução de Ingrid M. Xavier. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

DEWEY, John. *Democracia e educação: introdução à filosofia da educação*. Tradução Golfedo Rangel; Anísio Teixeira. São Paulo: Ed. Nacional, 1979.

FERRARI, Márcio. Michel Foucault, um crítico da instituição escolar. In: *Revista Nova Escola*, 1º de outubro, 2008. Disponível em: <https://novaescola.org.br/conteudo/1522/michel-foucault-um-critico-da-instituicao-escolar>. Acesso em 10 de junho de 2020.

FOUCAULT, Michel. *Vigiar e Punir: história da violência na prisão*. Tradução de Raquel Ramalheite. São Paulo: Vozes, 1987.

FOUCAULT, Michel. *A Arqueologia do Saber*. Tradução de Luiz Felipe Baeta Neves, 7ª ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

FOUCAULT, Michel. *Os Anormais*. Curso no Collège de France, 1974/1975. Tradução de Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

FOUCAULT, Michel. Loucura, Literatura e Sociedade. In: FOUCAULT, Michel. *Ditos e escritos: Problematização do sujeito: psicologia, psiquiatria e psicanálise*. 3 ed., Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2011. p. 232-258.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do Oprimido*. 17 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

GADOTTI, Moacir. *História das ideias pedagógicas*. São Paulo: Ática, 1993.

GALLO, Silvio. Educação, criação e pluralidade de mundos: as múltiplas dimensões do aprender. In: TREVISAN, Amarildo Luiz; ROSSATO, Noeli Dutra (Orgs.). *FILOSOFIA E EDUCAÇÃO: interatividade, singularidade e mundo comum*. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2013, p. 181-196.

GALLO, Silvio; MENDONÇA, Samuel (Orgs.). *A escola: uma questão pública*. São Paulo: Parábola, 2020.

GHIRALDELLI JUNIOR, Paulo. *HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO BRASILEIRA*. São Paulo: Cortez, 2006.

HERBART, Johann Friedrich. *Pedagogia geral*. Tradução Ludwig Scheidl. 2. ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2010.

LUCKESI, Carlos Cipriano. *Filosofia da educação*. São Paulo: Cortez, 1992.

MONTESSORI, Maria. *Pedagogia Científica: a descoberta da criança*. São Paulo, Flamboyant, 1965.

PAGNI, Pedro A. RESISTÊNCIA AO COTIDIANO ESCOLAR DE EXCEÇÃO: o ingovernável, a desobediência e o julgar reflexivo. In: GALLO, Silvio; MENDONÇA, Samuel (Orgs.). *A escola: uma questão pública*. São Paulo: Parábola, 2020, p. 39-66.

ROGERS, Carl. *Liberdade de aprender em nossa década*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1985.

SAVIANI, Dermeval. *PEDAGOGIA HISTÓRICO-CRÍTICA*. 11 ed. Campinas: Autores Associados, 2013.

SAVIANI, Dermeval. A PEDAGOGIA HISTÓRICO-CRÍTICA. *Revista RBBA*. Vitória da Conquista, V. 3 nº 02, p. 11 a 36, Dezembro/2014.

SILVA, Tomaz Tadeu (Org.). *O sujeito da educação: estudos foucaultianos*. Petrópolis (RJ): Vozes, 1994.

TEIXEIRA, Anísio. *Educação não é privilégio*. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, 1994.